



RESENHAS – REVIEWS

“Arendt”: uma biografia em movimento entre o amor, o mal e o amor, ‘o retorno’

Leonardo da Rocha Bezerra de Souza¹
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
lrb.souza@gmail.com

Como citar esta resenha: SOUZA, L. R. B.. "Arendt": uma biografia em movimento entre o amor, o mal e o amor, 'o retorno'. Resenha da obra de: HERBERLEIN, A., Arendt: Entre o amor e o mal: uma biografia. *In: Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº16, pp. 155-166. 2023. Disponível em <http://revistas.usp.br/revistaintelligere>. Acesso em dd/mm/aaaa..

HEBERLEIN, Ann. **Arendt: Entre o amor e o mal: uma biografia**. Tradução do sueco: Kristin Lie Garrubo. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Resenha

No ano de 2021 foi publicado no Brasil uma versão traduzida do livro “Arendt: Entre o amor e o mal: uma biografia”, pela Companhia das Letras, com a tradução de Kristin Garrubo. A autora é a sueca Ann Heberlein, uma filósofa e teóloga estudiosa e apaixonada pela obra e vida da intelectual alemã Hannah Arendt. Arendt, nasceu em 1906 na cidade de Hanover (atual Rússia), judia e filha de membros da classe média e intelectual da época, dedicou-se à filosofia e, em seguida, aos estudos da teoria política, onde conseguiu destaque. Contudo, sua vida intelectual e pessoal causaram não apenas um enorme interesse pela relevância ao campo das humanidades, como também pela polêmica causada por suas posições políticas, análises conjunturais e até mesmo por alguns de seus trabalhos político-filosóficos. Para além de tudo

¹ Leonardo da Rocha Bezerra de Souza é doutorando no Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É comunicador social e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

isso, sua própria vida, encerrada em Nova Iorque em 1975, foi carregada de emoções, de frustrações e de atividades políticas, em um século repleto de crises e guerras, muitas das quais a própria Arendt foi vítima ou esteve de algum modo presente e atenta aos desdobramentos.

Para as ciências sociais, a obra dessa pensadora alemã — radicada nos EUA a partir de 1941 — é de uma importância sem igual. Conceitos, teorias, teses e ideias lançadas por ela, até hoje causam forte impacto e potencializam debates satisfatórios e sólidos, ainda que impliquem também em contradições. Trata-se de uma mescla do conhecimento filosófico com problemas empíricos caros à sociologia e à ciência política, principalmente. A saber, não há como tratarmos, consistentemente, da temática do totalitarismo, da liberdade, da verdade na política, entre outros, sem passarmos pela leitura da obra de Arendt.

A vida pessoal e intelectual de Arendt se misturam, como também estão entrelaçadas à filosofia e às ciências humanas. Portanto, tratar de um livro cuja temática é uma biografia centrada em dois conceitos centrais do pensamento humano, o amor e o mal, é uma tarefa que exige do/a biógrafo/a (historiador, sociólogo, etc.), um olhar acurado e sensível, combinando uma montagem de um perfil pautada pela racionalidade e pela sensibilidade. Ao mesmo tempo em que rigorosamente deve descrever situações em que o grau de dificuldade e discernimento alcança uma situação limite, sobretudo, em episódios que englobam subjetividades da biografia, da biografa e da biografada, em planos distintos.

O diálogo entre Heberlein e Arendt acontece o tempo todo ao longo do exemplar, como também o julgamento da primeira sobre a segunda — poderíamos até perguntar, e se fizermos e se invertermos? A resposta é simples: cabe ao leitor, convidado descobrir, realizar esse julgamento —. O grande desafio da biografa é justamente colocar-se nesse diálogo com responsabilidade, revelando a verdade a partir dos fatos, o testemunho vai se construindo e, aos poucos, vai sendo legitimado, essa é uma das formas de chegar à verdade factual das coisas, até mesmo para Arendt (2016).

A biografia tanto é considerado o método, quanto um produto de investigação social. Como entende Wright Mills (1973), a biografia possibilita o acesso ao mundo particular, ou seja, uma pessoa; esse mistério é desvendado

ou, melhor, desoculta-se uma verdade. Para ele, a biografia estabelece uma relação entre criador e criatura, como acontece na formação da história e da sociedade. Del Priori (2009, p. 11), comenta que: “Ao fim das contas, a estrutura da biografia se distingue daquela do romance por uma característica essencial: os eventos contados pela narrativa do historiador são impostos por documentos e não nascidos da imaginação”. Nesse sentido, o livro de Heberlein é uma prova das inúmeras facetas da biografada, mas também do alocamento histórico, social e político de sua obra, que envolve dimensões pessoais e intelectuais da própria biografada e dela própria como autora.

Mas, afinal, por que uma biografia é tão importante para as ciências sociais? Sem sombra de dúvidas, um trabalho sobre essa teórica da política, seja do ponto de vista pessoal ou intelectual, promove uma compreensão sobre sua obra, explicando e contextualizando suas teorias e conceitos, o que implica realizar uma investigação inerente ao próprio século XX, aos eventos geopolíticos, históricos e no âmbito da própria produção de conhecimento. A biografia elaborada não versa somente sobre a vida da intelectual, mas aponta com precisão as motivações, os afetos, os eventos, as aflições e as bases teóricas e empíricas como um todo, que forjaram Arendt. A biografia demonstra o processo de construção do conhecimento, rompendo com a ideia costumeira da “torre de marfim”, de onde o intelectual e o filósofo, olhando as estrelas, realizam o pensamento. A biografia puxa à terra, à realidade todos os agentes envolvidos na trama real, o autor, o leitor e o personagem real, produtor da ação e produto do olhar de todos e do mundo sobre ele.

Como tantas outras, não podemos ler essa biografia apenas pela vontade conhecer essa mulher que marcou profundamente as ciências humanas, mas é uma leitura para desvendar seu pensamento, por isso, o livro está situado em dois marcos conceituais, o amor, que foi a questão inicial do pensamento de Arendt, que culminou em sua tese “Der Liebesbegriff bei Augustin” [O amor e Santo Agostinho] publicado em 1929; e uma de suas obras mais polêmicas, “Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil” [Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal] publicado em 1963. A vida de Arendt é apresentada através desses dois temas tão importantes de sua obra.

Como nos conta a biografia, são dois momentos da vida pessoal de Arendt, em dois lugares diferentes. O trabalho de Heberlein está focado em interpretar as mudanças do pensamento pela mudança da personagem, e vice-versa. Sua missão envolve demonstrar o movimento, que é também geopolítico, entre Alemanha (a velha Europa e a destruição) e a filósofa preocupada com questões pertinentes ao debate filosófico e metafísico; indo para os Estados Unidos (o novo mundo e o novo lar), na qual temos uma teórica política, em primeiro momento, atenta aos dilemas provocados pela guerra, mas com um olhar preciso e racional sobre a política de modo mais geral e como problema de pesquisa sócio-histórica e filosófica. Essa segunda Arendt, não deseja apenas a teorização da política, mas preocupa-se com a ação.

Um dos diagnósticos que podemos adiantar é que a trajetória pessoal e intelectual da filósofa alemã jamais se isolaram uma da outra, ainda que fosse evidente o processo conflitual de transformação de uma na outra. Isso exigiu um jogo de trocas e foi sendo realizada boa parte das vezes conscientemente, pela própria Hannah. Mais cedo ou mais tarde, revela a biografia, o retorno se fazia presente, e a intelectual visitava não somente o passado, mas seus próprios atos e pensamentos, que por um instante pareciam esquecidos. Hannah Arendt, foi uma pessoa de ação, sempre na medida de sua possibilidade e demonstrando uma aptidão crítica muito importante.

O trabalho nos mostra uma mulher que, apesar da reflexão e interpretação crítica e de alto-padrão da história, da política e da sociedade, possui limitações e defeitos. Em um certo momento da obra, Arendt aparece refém de sentimentos afetivos impactantes: o ciúme, o medo, a desconfiança, etc. Em outros momentos, predomina um senso agudo de prontidão e de necessidade de ação, quando, por exemplo, tem de tocar em temas como o suicídio ou a decisão sobre fugir ou não fugir ante a ameaça nazista. A ação que tanto defendeu em livros como “A condição humana” (1991), revela-se direta ou indiretamente na biografia, Heberlein conta-nos da tentativa de convencer mulheres do campo de internação Camp Gurs na França a fugirem na oportunidade que tinham, ou quando ajudava ou incentivava amigos e alunos com questões pessoais ou de cunho acadêmico. É por palavras e atos que o

homem age no mundo, pensa Arendt (1991), e sua biografia lança um olhar sobre como ela chega a experienciar sua própria tese.

Justamente por levar seus sentimentos, suas teorias e sua obra como um todo à publicização, defender o que pensava desde a mais tenra idade, como revela o livro, ela caiu por vezes em armadilhas ou mesmo em contradições (sejam elas propositais ou não). O caso de Eichmann e sua publicação renderam inúmeras críticas, um fardo que foi pesado de carregar, como Heberlein (2021, p. 198) demonstra nesse trecho:

A frustração de Hannah por ser tão mal interpretada era grande [devido à publicação do livro], e Mary [sua amiga] foi uma das poucas pessoas com quem ela pôde se abrir: “Não posso mais confiar em mim mesma para manter a calma e não explodir. Como é arriscado dizer a verdade no plano factual, sem ornamentos teóricos ou acadêmicos”, desabafou com Mary, em setembro de 1963, quando a campanha negativa já durava meses. Mary respondeu com uma tentativa de explicação. Evidentemente, seus pensamentos estavam ocupados com os ataques mesquinhos direcionados a Hannah, e a amiga tentou decifrar do que se tratava.

As amizades e a obra de Arendt não podem ser desprezadas, e Heberlein problematizou isso de forma eficiente. Em certo momento, ela comenta: “O ser humano é um ser socialmente ativo que frequenta a sociedade e busca amigos. Segundo Aristóteles, *fronesis* — a sabedoria prática, o bom senso e a capacidade de tomar decisões equilibradas — pode somente ser desenvolvida na amizade” (HEBERLEIN, 2021, p. 193). Entre os grandes amigos de Arendt, estavam Walter Benjamin, Karl Jaspers, Hans Jonas, entre outros. Em sua residência, em todos os momentos de sua vida, Arendt estava com eles, fumando, pensando, discutindo e celebrando a vida. Também os deslocamentos forçados frente a ameaça nazista, eram realizados com a colaboração dos amigos.

Os amigos presentes e ausentes; as presenças e as perdas, sempre eram sentidas, como comenta Heberlein em sua obra. Mas ao mesmo tempo, a filósofa não fica fechada e isolada em seu luto. Sua reflexão envolvia serenidade diante das perdas (muitas vezes forçadas, como foi o suicídio de Benjamin); e a sensibilidade e a razão para responder aos porquê da perda, do contexto em que isso acontecia, na importância social e sentimental, ao fim,

isso refletia em sua obra. Podemos destacar as teses sobre a história de Benjamin, pois elas só chegaram ao público graças ao casal Heinrich e Arendt, portadores dos manuscritos. Seu amigo jamais foi esquecido, como tantos outros que cruzam sua vida, na qual tem lugar cativo.

As amizades e o amor se entrelaçam na vida e obra desta teórica da política. Não podemos nos furtar de analisar o amor na perspectiva dos sentimentos e do romance; do amor conceitual e teórico, como categoria filosófica-metafísica; sobretudo, se a personagem da biografia é uma mulher que centra em si essa relação como um horizonte e um desafio intelectual, como também pessoal. O amor e os amantes perpassam a vida de Arendt, como demonstra Heberlein. Mas os dois principais casos que jamais podem fugir ao tema ARENDT, são o de Heinrich (seu esposo) e de Martin Heidegger, seu mestre e amante. Entre eles, a intelectual nutriu uma relação que desafia o rótulo de conversadora. Heidegger notabiliza-se como primeiro mentor intelectual da jovem Arendt, e como grande amante. Heinrich a encontra em uma fase madura, Heberlein não perdeu do seu olhar episódios como a menção que Arendt faz a ele “como suas quatro paredes”; um era para o outro, um lar.

Quanto a Heidegger, recaiam sobre ele as maiores contradições que podia agir sobre Arendt. Primeiro, o deslumbre e a decepção da juventude. Segundo, o silêncio e o horror, frente às atitudes de Heidegger em apoio ao regime de Hitler. Terceiro, um reencontro, no qual se reavivam amores adormecidos, mas também uma parceria intelectual. Heberlein, classifica esse último instante como um momento para pensar sobre perdão, sobre amor e lealdade, mas ela crava: “A lealdade e amor que sentia por ele a cegaram” (HEBERLEIN, 2021, p. 182). A biografista destaca como Arendt foi fundamental para o retorno do filósofo aos ciclos de debates da época, logo após a capitulação da Alemanha nazista, mas lança um olhar sobre como o lado afetivo pesou sobre seu discernimento do real, diante do que lhe foi ocultado pelo seu antigo mestre, as suas contribuições e afinamentos com regime nazista. Essa fase é marcada por uma troca de cartas de afeto, mas também por leituras de seus trabalhos. O que nos sugere que há entre os dois uma contribuição para o pensamento de ambos, mas de formas diferentes daquelas

do anos 1920. Agora ela é reconhecidamente uma grande intelectual; e ele desfruta do ostracismo.

A relação de perdão, culpa e responsabilidade e julgamento são pilares da obra de Heberlein, porque sustentam o episódio polêmico da publicação de “Eichmann em Jerusalém”, esse é um fato e um espaço importante no livro, porque norteia a obra a biografia e da biografada — sem esquecermos do quanto a própria Heberlein acaba aparecendo nos diálogos, nas descrições, nas posições de esclarecimento sobre algum fato, sempre de forma sutil, porém cirúrgica. O mal que Arendt traz nessa obra, é justamente aquele cujo caráter maléfico se faz ausente para o agente. Quem pratica esse mal não é um monstro, é um ser humano. Não é o melhor ou pior ser humano, mas é aquele indiferente. Esse diagnóstico que parece ao olhar arendtiano como uma abordagem de conjuntura, teve uma repercussão maior do que a proposta, passou a guiar inúmeros estudos sobre a sociedade contemporânea — algo que está além dos limites desta resenha.

A biografia situa o momento dessa ‘descoberta’ do mal banal, alinhada com a situação limite pautada por Arendt, o totalitarismo (outra obra de grande polêmica de sua vida). Heberlein nos convida a pensar Arendt sobre o ponto de vista da possibilidade do mundo diante do totalitarismo e do burocrata ou do homem comum, aquele que indiferentemente age para entregar judeus aos campos de extermínio (como por exemplo, através de uma denúncia que pode ser feita). Um mal que segundo Arendt (1999, p. 167), está disperso no cotidiano, entre os homens “terrivelmente normais”:

[...] Muitos alemães e muitos nazistas, provavelmente a esmagadora maioria deles, deve ter sido tentada a não matar, não roubar, a não deixar seus vizinhos partirem para a destruição (pois eles sabiam que os judeus estavam sendo transportados para a destruição, é claro, embora muitos possam não ter sabido dos detalhes terríveis), e a não se tornarem cúmplices de todos os crimes tirando proveito deles. Mas Deus sabe como eles tinham aprendido a resistir à tentação.

Heberlein nos revela uma Arendt tomada pelo medo e pela experiência com e ante o totalitarismo, uma mulher que perdeu parentes, amigos e referências intelectuais para o nazismo — fosse com a própria vida ou aderindo ao seu ideário e as ambições. Ao mesmo tempo, o desalento

pessoal, tornou-se instigação e/ou referência para sua força de lutar, interpretar e dizer a verdade. Ainda que isso lhe custasse — como custou — credibilidade, sossego e recursos para usar em sua defesa.

A grande pergunta que nós fazemos é: e o amor? Onde fica o amor daquela filósofa da juventude? O amor que o título carrega, poderia ser atualizado de outra forma: Arendt entre o amor, o mal e o amor. Porque o desdobrar da obra de Heberlein vai nos revelar a existência de uma construção para o amor que se depara ocasionalmente com a existência do mal. Esse amor que começa em Santo Agostinho, está agora diante da dominação total e da banalidade do mal, está diante do homem indiferente (HEBERLEIN, 2021, p. 190). Como viver o amor em um tempo no qual reina um mal que chega não pelo perverso, mas pelo normal, pelo cotidiano, pela ausência de um demônio? Agora o amor depare-se com uma situação limite e com a banalidade do mal, o que restara dele?

A resposta que chegamos é: tudo! Chegamos ao retorno que se fez presente na sua relação com amigos e mestres distanciados pela guerra ou mesmo pelo tempo, o retorno ao amor é inevitável. Ao contrário de negar ou aplicar aquele primeiro amor, Arendt revela uma transformação dela mesma como pessoa e intelectual. O amor não mudou, não partiu, mas mesmo assim ele voltou. Retornou como referência à ação, ao agir por amar e por acreditar que aquilo não é tudo. Esse amor diz mais sobre a responsabilidade e sobre a capacidade de mudar o mundo. E isso acontece porque, como a biografia nos diz, em outros termos, aflora uma amor que, ainda que seja “extramundano”, ele está alicerçado no potencial de transformação e de esperança que é peculiar ao ser humano. Como mudamos, como a terra muda, podemos mudar e nós inevitavelmente mudamos. A Arendt madura e intelectual da política revela então um amor ainda mais forte, o amor ao mundo. Esse amor da responsabilidade e do cuidado. Um amor alinhado com a ação. É necessário agir, é necessário amar.

O amor ao mundo significa uma preocupação com a vida para que ela possa continuar a existir. Em nossas reflexões, devemos, portanto, sugere Hannah, levar em consideração o que aconteceu, o que está acontecendo e o que pode acontecer. Jamais podemos esquecer, mas também não podemos nos perder na nostalgia. Devemos amar o mundo como ele é, com todas as suas

fragilidades e imperfeições. Devemos viver com nossas memórias e lembrar as coisas pelas quais somos gratos (HEBERLEIN, 2021, p. 203).

Essa ideia de amor ao mundo nasce junto com Arendt, perpassa os episódios de maior ódio, violência e autoritarismo. Ela nasce justamente com a capacidade de agir que é inerente ao ser humano. Ele age no mundo, e amar apresenta-se, ao nosso ver, como esse dom da ação na qual ao amar é cuidar, e isso implica na obra e na própria Arendt, afinal, ela se tornou o que se tornou e não está disposta a desistir — como não o fez, até o último suspiro, isso ganha vida nas passagens do trabalho de Heberlein. Pensar a política em Arendt, leva sempre a pensar o retorno, nesse caso, ao amor como uma condensação de conceitos e teses que envolvem reflexão e ação, por vezes, essa ação tende a olhar para trás, observar o que sobrou, mas em todos os tempos e momentos, a atitude intelectual e da *práxis* são essenciais para se fazer no mundo, e negá-la é o maior problema.

Os regimes totalitários se beneficiam justamente dessa incapacidade de refletir e dessa negação do poder de transformação, a obra de Arendt demonstra isso, e o livro de Heberlein deixa transparecer correndo junto a pessoa de Arendt, dos amores que sua vida viveu e pensou, junto a uma experiência íntima e histórica que o ressuscitou e o colocou em frente aos desafios da sociedade, da modernidade e da humanidade. O século XX vivido por Arendt serviu de sustentação para todo seu arcabouço teórico, mas ele jamais ficará no passado — atribuindo a esse passado uma definição de amontoado de fatos transcorridos e antiquados — como uma experiência rica para o século XXI, e, sobre isso, temos que destacar, a obra de Arendt ainda tem uma atualidade impressionante. Nesse sentido, existem muitos exemplos de como o trabalho de Arendt ainda encontra atualidade, dois desses casos são os temas da pós-verdade (GUERRA; BARBOSA, 2019; DIÁZ, 2021) e do estado de exceção (AGAMBEN, 2007), que recorrem muito aos trabalhos e pensamentos dessa filósofa.

O livro de Heberlein (2020) está estruturado em 26 capítulos, todos eles são curtos. O foco da biografia não foi apenas narrar a vida de Arendt, mas sim relacioná-la com duas chaves: o amor e o mal. Esses termos

representam conceitos teóricos, categorias de análise, relatos de experiências históricas do ponto de vista pessoal, intelectual e político. Tudo isso é cruzado com fatos da vida íntima da teórica alemã. A biografia foi montada a partir de consulta à obra da biografada, combinada com outras biografias produzidas sobre Arendt; cartas trocadas entre elas e seus amigos, mestres, entre outros; documentos e registros históricos; como também obras que versam sobre seu pensamento, que estão citadas ou são fundamentais para compreender suas teses, seu método, suas motivações, entre outros aspectos.

Trata-se de uma obra fundamental não só para entender Arendt, mas também para desvendar seu pensamento e a potencialidade de suas teses para diversos campos da ciências. Assim como, atualizar seu pensamento frente aos desafios da contemporaneidade. É uma excelente introdução à obra e à pessoa que não se furta de comentar contradições, erros, obstáculos, bem como afetos, amores, admiração, desejos. Isso produz uma ruptura na relação sujeito-objeto; obra e intelectual; intelectual e mulher, estão juntos de uma forma complementar. Retratar essa personalidade é olhar justamente para o mundo, para nosso tempo, portanto, é um trabalho que versa holisticamente sobre nossa própria história, sem incorrer de ultrapassar limites do tempo: de Hannah; de sua obra e da repercussão que ambas tem uma com a outra; do mesmo modo, com o mundo.

Essa obra apresenta uma grande contribuição aos estudos na área do pensamento de Hannah Arendt, sobretudo, no que concerne às investigações sobre o totalitarismo, a verdade e a política, pois elucidam fatos que estão ligados à vida e à obra da filósofa e como se aparecem em suas obras. Os fenômenos trabalhados direta ou indiretamente por Heberlein, lançam luz sobre movimentos atuais que ameaçam à liberdade e à democracia, como citou Starling (2021) no posfácio deste livro. A ameaça à democracia que, recentemente, ganhou novos contornos, é um tema delicado e que necessita de aprofundamento, sobretudo, diante dos fenômenos como da pós-verdade e a chamada era das *fake news*, nesse debate a obra de Arendt é fundamental, por isso o contexto, a construção de suas noções de verdade e o debate da questão política, perpassam a obra e a vida da autora. Nesses termos, Heberlein chega a demonstrar a relação entre

pensamento e posição política da intelectual, assim contribuindo com a explicação também desses conteúdos.

O debate sobre pós-verdade que tem em Arendt uma de suas mais importantes referências, é outro campo que consegue desfrutar dos dados, acontecimentos, reflexões e análises contidas nesta obra. Historicamente, a obra revela episódios fundamentais do século XX, corroborando com a contextualização e emergência do pensamento arendtiano e o deslocamento imposto aos teóricos da Europa em virtude da guerra. Por fim, a obra é também um exemplar de discussão a respeito das sociologia do conhecimento e das emoções, podendo também ser consultada neste campo, tanto em referência para outros estudos, como uma rica ilustração do encontro de fenômenos no âmbito privado e das afetividades com a produção do conhecimento científico.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O estado de exceção: [Homo Sacer, II, I]**. Tradução: Iraci D. Poleti. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução: Celso Lafer. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1991.

ARENDT, Hannah.. **Eichmann em Jerusalém**. Tradução: José Rubens Siqueira. 1. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah.. **Entre o passado e o futuro**. Tradução: Mauro W. Barbosa. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**. Rio de Janeiro: v. 10, n. 19, Jul/Dez. 2009.

DIÁZ, María Pérez. Posverdad y destrucción del espacio público. Una lectura desde el pensamiento de Hannah Arendt. **AdComunica**. Castelló de la Plana: n. 22, Jul., 2021.

GUERRA, André. BARBOSA, Cláudia. Crítica e Pós-verdade. **Psicologia, Comunicação e Pós-verdade**. GUARESCHI, Pedrinho. AMON, Denise. GUERRA, André. (Org.). 3. ed. Porto Alegre: ABRASCO, 2019.

STARLING, Heloisa Murgel. Leia e aja: A atualidade do pensamento de Hannah Arendt (pós-facio). **Arendt: Entre o amor e o mal: uma biografia**. HEBERLEIN, Ann (autora). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras.

WRIGHT MILLS, Charles. Biografia, História e Sociedade. In: **Comunidade e Sociedade**. FERNANDE, Florestan (Org.). 1. ed. São Paulo: Editoras Nacional/USP, 1973.